

## EM LOUVOR A EVANILDO BECHARA

Neste ano de 2018, a comunidade linguística brasileira comemora os noventa anos de nascimento de seu mais notável gramático: Evanildo Bechara. Em louvor de sua expressiva contribuição para a descrição e interpretação científica da fenomenologia linguística do português e mesmo, em maior amplitude, das línguas românicas, organizamos este número especial de *Confluência*, em que colaboram vários linguistas de expressiva posição no meio acadêmico nacional e internacional, a quem endereçamos os mais sinceros agradecimentos por haverem aceitado o convite para participar desta homenagem.

Como singela contribuição neste conjunto de estudos notáveis, que muito dignificam o homenageado, traçamos algumas linhas sobre um aspecto particular de seu perfil acadêmico. O que se lê nas linhas seguintes, conforme logo verificará o leitor, não vai além de uma breve referência elogiosa e nenhuma pretensão tem de aprofundamento analítico da obra de Evanildo Bechara, cuja variação temática e amplitude teórica decerto dariam oportunidade para profunda investigação da própria trajetória traçada pela Linguística no Brasil a partir da segunda metade do século XX. Investigador de olhar arguto e sensibilidade aguçada, Bechara perpassa em sua obra alguns dos modelos teóricos que buscam dar sentido à fenomenologia da linguagem humana, desde os cânones da gramática filológica nascida com Friedrich Diez (1794-1876), que nos chegaram pela letra de um Adolfo Coelho (1847-1919) e de um Manuel Said Ali (1861-1953), passando pelas teses estruturalistas a que fomos apresentados pelos estudos de Mattoso Câmara Jr. (1904-1970), para culminar no ideário funcionalista de Eugenio Coseriu, a quem Bechara, evocando Dante Alleghieri di Fiorenza, em certa oportunidade<sup>1</sup> assim reverenciou: “Tu se’ lo mio maestro e il mio autore”.

Convém advertir que um óbice intransponível, no nosso caso em particular, opõe-se a uma análise idônea da obra deste grande brasileiro: trabalhamos juntos há cerca de 26 anos na área da pesquisa e do ensino da língua portuguesa e nutrimos uma amizade que nos une fraternalmente em plano bem mais amplo do meramente profissional. Portanto, não se espere nestas linhas o rigor historiográfico, pautado nas diretrizes necessárias da neutralidade epistemológica e da isenção dogmática, pois, ainda que assim nos propuséssemos a escrever,

---

<sup>1</sup> Discurso em homenagem a Eugenio Coseriu na solenidade de concessão do título de *Doutor Honoris Causa* outorgado pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro em 1996.

a pena com certeza desviaria o rumo do texto para sendas afetivas e marcadas pela lembrança de tantas lições recebidas na convivência dessa amizade.

Ademais, ainda que em esforço maior, pudéssemos tentar escrever sobre Evanildo Bechara à margem do relacionamento afetivo que nos une, ainda que estivéssemos aqui, digamos, na condição de mero leitor e analista de sua obra linguística, não nos seria possível impor a disciplina de uma análise pautada em princípios linguístico-historiográficos. Com efeito, a pesquisa nessa área do saber impõe a utilização de ferramentas analíticas que conduzam a análise do texto linguístico em parâmetros científicos, sobretudo no tocante a sua contextualização e a sua leitura sistêmica no conjunto das obras publicadas pelo próprio autor analisado e por seus pares, coparticipantes na construção e difusão do conhecimento linguístico.

Semelhante tarefa impõe, a nosso juízo, imperativo afastamento temporal entre o analista e o texto analisado. Decerto que outras concepções sobre o escopo da Historiografia da Linguística hão de ser respeitadas, pois, afinal, os fatos tomam diferentes feições em face dos ângulos de visão. Assim é que um conceito de Historiografia da Linguística como “análisis histórico-reflexivo del pasado y del presente de los estudios sobre lengua(s) y sobre el lenguaje” (Gómez Asensio et alii, p. 266), não obstante nos soe temerário, terá seus defensores, com argumentos que se devem considerar. A hipótese de uma historiografia do presente oferece óbices de difícil transposição, tais como – o mais evidente - a necessária preservação da neutralidade epistemológica no tratamento do texto. Decerto que a postura científica do investigador será sempre a de afastar-se da avaliação subjetiva, mas, em última forma, essa é uma questão que decididamente não está no seu controle, já que ele próprio como linguista poderá deixar-se influenciar por fatores ideológicos decisivos para uma avaliação deturpada dos fatos.

Entre os procedimentos de que se serve o historiógrafo da linguística para melhor entender e descrever as bases epistemológicas do texto está o levantamento do horizonte de retrospectão tanto do autor quanto do próprio texto analisado. Nas lições de Silvain Auroux, (2006, p. 107), identificamos o horizonte de retrospectão como um conjunto de saberes e competências que uma dada pessoa adquire no curso de sua formação<sup>2</sup>. Quando nos propomos a resolver um problema, ativamos esse conjunto de saberes, ainda que não tenhamos propriamente ciência de que dele estamos usufruindo, já que não temos absoluto controle de nossa cognição acumulada, sobretudo porque não nos é possível, igualmente, controlar integralmente o processo de memória.

---

<sup>2</sup> Sobre o tema, leia também Auroux (1987).

Sirva de exemplo a maravilhosa referência que nos oferece Leo Spitzer (1887-1960) acerca dos caminhos por ele percorridos para chegar à etimologia da palavra inglesa *conundrum*, que significa um enigma cuja resposta impõe um trocadilho. Spitzer revela que a cadeia fônica da palavra sugeriu-lhe que tivesse origem francesa, assim chegando ao termo *calembour*, cujo significado é o mesmo do inglês *conundrum*. Em sua viagem etimológica, Spitzer aportou em seu conhecimento sobre a técnica do trocadilho nos sermões seiscentistas, em seu saber sobre a evolução fonético-consonantal no francês e no inglês, em seu sólido domínio sobre o léxico popular medieval, bem como sobre a própria literatura medieval inglesa e francesa, entre outros saberes que se organizaram para abrir-lhe as sendas da etimologia da palavra *conundrum*, como se fosse, em suas próprias palavras, um “inner click” (1987, p. 211).

Conclui-se, pois, que, no plano da investigação historiográfica, a análise do horizonte de retrospectão revela-se fundamental para que se entenda o ideário linguístico de um dado autor, ou seja, investigar o horizonte de retrospectão implica vencer uma etapa metodológica, de caráter meta-historiográfico, como atividade essencial para que se possa atingir o escopo de reconstituição das ideias linguísticas de um autor ou mesmo de um conjunto de linguistas vinculados pela atividade intelectual coparticipativa.

Um aspecto que necessariamente temos de observar na concepção de horizonte de retrospectão diz respeito à relação entre o inventário de saberes e a temporalidade. Decerto que há uma relação intrínseca entre o conteúdo cognitivo que dada pessoa tem sobre um certo assunto e a referência temporal, já que tais saberes passam a integrar o conjunto do conhecimento em sequência cronológica bem definida. A questão é que, quando se vale dessa competência cognitiva para atuar cientificamente, por exemplo, numa atividade típica de pesquisa, o investigador atualiza todo seu conhecimento em plano atemporal, ou seja, seu horizonte de retrospectão manifesta-se sem que a temporalidade afete o conjunto de saberes acumulados. Em outros termos, “la co-présence des connaissances est une modalité nécessaire de l’horizon de rétrospection” (Auroux, 2006, p. 108).

Naturalmente, mais objetivamente se delinea o horizonte de retrospectão pelas referências bibliográficas que o linguista oferece em sua obra, de que se abstrai o conjunto de teses e postulados que integram as fontes em que se abeberou para produzir seus próprios textos científicos. Aqui surge uma questão crucial que decerto aflige o historiógrafo da linguística nesta tarefa: a, por vezes, total ausência de referências bibliográficas no texto analisado. Com

efeito, o hábito de oferecer informações claras e pormenorizadas acerca das obras e autores consultados – e aqui me sirvo da experiência como investigador da gramaticografia brasileira de língua portuguesa – não se estabelece senão após a segunda década do século XX. Antes, a referência é ordinariamente incompleta ou mesmo inexistente, tirante as exceções que naturalmente se apresentam no cotidiano da pesquisa<sup>3</sup>

Por outro lado, uma face menos evidente do horizonte de retrospectiva na obra de um certo linguista revela-se pela investigação de sua formação intelectual, do contato mantido com seus pares no dia a dia do labor científico, bem como em certos aspectos de sua vida privada, tais como as crenças religiosas e os parâmetros de comportamento moral. Quanto a esses últimos fatores, por exemplo, pode-se perfeitamente inferir que uma formação dogmática em dada religião tenha sido a veia condutora dos interesses do linguista para a doutrina de outros que professam a mesma crença. Sirva-nos, como exemplo, a proximidade de Otoniel Mota (1878-1951) com a Linguística norte-americana, já pelo segundo decênio do século XX, tendo em vista sua identidade com os ideólogos da Igreja Presbiteriana. Mota foi cofundador da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, erigida sobre os pilares calvinistas, em companhia de Eduardo Carlos Pereira (1855-1923) e mais cinco pastores evangélicos<sup>4</sup>. A doutrina linguística americana na obra de Otoniel Mota é consequência de sua viagem aos Estados Unidos da América, de onde recolheu os princípios da descrição sintática que viria a propor em suas *Lições de português* (1918 [1915]), com base nos diagramas sintáticos idealizados por Alonzo Reed (1841-1899) e Brainerd Kellogg (1834-1920)<sup>5</sup>.

A ausência de referência explícita das obras e autores consultados pode ser suprida pela análise contextualizada do texto linguístico, seja no interior de um dado paradigma, seja pela via da metalinguagem utilizada. Um exemplo expressivo da bibliografia linguística brasileira está no volume *Estrutura da língua portuguesa* (1970), de Joaquim Mattoso Câmara Jr (1904-1970). Como sabemos, esse texto foi publicado postumamente, logo após o falecimento do autor, sem que se tivesse o cuidado de preparação adequada. A rigor, trata-se de um rascunho, que Mattoso jamais teria publicado nas condições em que se

---

<sup>3</sup> Entre as exceções, cite-se a cuidadosa referência bibliográfica que nos oferece Maximino Maciel em sua *Gramática descritiva* (1822 [1894]).

<sup>4</sup> São eles Alfredo Borges Teixeira, Bento Ferraz (1865-1944), Caetano Nogueira Júnior (1856-1909), Ernesto Luiz de Oliveira (1875-1938) e Vicente Themudo Lessa (1874-1939).

<sup>5</sup> Leia, a respeito, Cavaliere (2015).

apresenta, incluindo-se aí a total ausência de referências bibliográficas. No entanto, a leitura sistêmica da *Estrutura* no conjunto da obra de Mattoso Câmara permite-nos identificar claramente os textos teóricos de que se serviu o mestre do estruturalismo para compor seu trabalho descritivo.

No caso de Evanildo Bechara, os indícios extratextuais que nos remetem a seu horizonte de retrospecto são tão eloquentes quanto os que materialmente se encontram nas notas de rodapé ou nas referências bibliográfica de seus textos. Cite-se aqui, por exemplo, no plano das *connaissances communes*, conforme a elas se refere Auroux (2006, p. 107), a estratégia usada por Manuel Said Ali (1861-1953), pelos idos da década dos anos 40 do século passado, para introduzir o jovem Evanildo nos estudos filológicos. Sob a tutela do mestre fluminense, Bechara iniciou-se intelectualmente não pela leitura de textos teóricos da Linguística – muito provavelmente, o caminho que teria trilhado sob orientação de um linguista ortodoxo –, mas pela leitura de autores clássicos da literatura portuguesa e brasileira. Por aí se formou a mente filológica que reconhece a necessária precedência do texto à teoria. Destas lições iniciais forma-se um investigador que cedo habituou-se a buscar o fato linguístico no *corpus* literário, em total conformidade com a escola filológica que a tradição romanística do século XIX legara aos estudiosos do século seguinte.

Aliem-se a esse dado histórico da vida pessoal de Bechara outros que cedo o fizeram aproximar-se das rodas filológicas, tais como as frequentes visitas que, ainda jovem, fez às reuniões da Academia Brasileira de Filologia, acompanhando o acadêmico Lindolfo Gomes (1875-1953), época em que tomou ciência de teóricos romanistas e de gramáticos prestigiados que descreviam a língua pela ótica do uso literário em texto escrito. Nessas sessões acadêmicas, decerto surgiam referências a nomes expressivos da Filologia e da Linguística que habitavam os textos dos acadêmicos e, desse modo, instalaram-se no imaginário do jovem Evanildo, para depois tornarem-se fontes doutrinárias de seus estudos sobre a língua portuguesa. Verifica-se, enfim, que tanto as evidências seguras e materiais da referência bibliográfica quanto os fatos circunstanciais da formação do linguista pertencem ao domínio dos objetos históricos (cf. Auroux, 2006, p. 105) com que lida o historiógrafo na tarefa de recuperar o ideário linguístico de um dado autor.

Já no tocante às referências indexadas, uma consulta, ainda que superficial, às edições da *Moderna gramática portuguesa* (1989 [1961] e 1999) indicam-nos a trajetória trilhada pela construção do saber linguístico em Bechara. A história desse texto gramatical, como sabemos, cuja primeira edição remonta ao

ano de 1961 – coincidentemente, o ano em que se comemorou o centenário de nascimento de Manuel Said Ali - encontra um divisor de águas em 1999, quando Bechara traz a lume uma nova versão, não propriamente uma nova edição, de sua obra, agora com uma repaginação completa da matéria gramatical, em que se revela mesmo um novo conceito de gramática. O levantamento de autores e obras citados nas duas versões da *Moderna gramática portuguesa* dá-nos a exata medida da consolidação do saber linguístico em Bechara e sua aplicação na análise dos fatos gramaticais do português.

Tomemos as citações da primeira versão em particular. Servimo-nos aqui da 33.<sup>a</sup> edição, saída em 1989, dez anos antes da publicação da nova versão, totalmente refundida. Esta escolha fundamenta-se no fato de que, segundo nos informou o próprio autor, os trabalhos para reformulação da *Moderna gramática* tomaram-lhe cerca de uma década de estudos e intensa pesquisa, ou seja, iniciaram-se exatamente à época em que saía a público a 33.<sup>a</sup> edição. Por sinal, essa edição de 1989 reforça no título da obra – que conta com um subtítulo *Cursos de 1.º e 2.º graus* – o propósito expresso no prefácio de oferecer ao magistério brasileiro um manual escolar, “resultado dos progressos que os modernos estudos de linguagem alcançaram no estrangeiro e em nosso país” (1989 [1961], p. 21)<sup>6</sup>. A análise de nomes e obras citados por Bechara dá conta da uma formação típica do intelectual linguista dos meados do século XX, em que a formação filológica se aliava às novas conquistas do modelo estruturalista que então dominava as rodas acadêmicas e viria a pontificar nos estudos linguísticos até o início dos anos 80.

Entre as fontes doutrinárias da primeira edição, citem-se Edward Sapir (1884-1939), Joaquim Mattoso Câmara Jr. (1904-1970), Bertil Malberg (1889-1958) e Leonard Bloomfield (1887-1949), cujas ideias linguísticas associam-se *lato sensu* ao modelo formal do estruturalismo. A letra de Sapir e Bloomfield, provavelmente, chegou à leitura de Evanildo Bechara pela obra de Mattoso Câmara, que, como sabemos, foi o introdutor do estruturalismo norte-americano no Brasil. A importância dessa referência situa-se no fato de que um certo perfil dogmático, ordinariamente atribuído ao trabalho de Bechara, em verdade não se justifica. Já na edição de 1961, a *Moderna gramática* envereda pelo conceito

---

<sup>6</sup> Esse escopo, decerto, colide frontalmente com o da edição de 1999, em cujo prefácio o fim pedagógico não é referido, para dar lugar ao propósito de um texto “que alia a preocupação de uma científica descrição sincrônica a uma visão sadia da gramática normativa, libertada do ranço do antigo *magister dixit* e sem baralhar os objetivos das duas disciplinas” (1999, p. 21).

de unidade mínima distintiva, que se aplica claramente na noção de morfema, tanto na descrição estrutural do nome quanto do verbo.

Por sinal, embora não tenha feito da descrição fonológica a vertente mais expressiva de sua obra gramatical, é nesta área que Bechara mais se diversifica em referência bibliográfica, como se percebe em nomes como o próprio Mattoso Câmara, do já citado Bertil Malberg, a par de Tomás Navarro (1884-1979) e Léonce Roudet (1861-1935), os dois últimos, sobretudo Navarro, ligados à escola filológica que aliou estudos de geografia linguística com a investigação do texto literário. Dos brasileiros presentes na primeira edição da *Moderna gramática*, verifica-se certa predominância da corrente filológica em face da estruturalista, possivelmente devido ao fato de que, até o início dos anos 60, ainda não se havia espreado expressivamente no Brasil o ideário da escola estruturalista<sup>7</sup>. Disto resulta um apoio mais evidente em nomes como Antenor Nascentes (1886-1972), José Oiticica (1882-1957) e Martins de Aguiar (1893-1974), além de, evidentemente, Manuel Said Ali (1861-1953), que se sucedem mormente na fundamentação morfossintática.

O legado da formação filológica também se evidencia no espaço que Bechara dedica à estilística, com a chancela de um Charles Bally (1865-1947), e da versificação, momento da descrição gramatical em que mais se aproximam a doutrina linguística e o *corpus* de língua literária. Por sinal, a permanência na *Moderna gramática* de um capítulo sobre *Noções elementares de versificação*, em sua renovada edição de 1999, bem revela que a concepção de descrição gramatical em Bechara não sofreu ruptura, não obstante se tenha desviado do binômio Filologia - Linguística Estruturalista que domina a edição de 1961. O que se vê é uma amplitude doutrinária maior, em que as fontes do Funcionalismo coseriano vêm aliar-se às já presentes na versão original de 1961, sobretudo no tocante aos conceitos básicos sobre classes de palavras, categorias gramaticais, ato linguístico, entre outros.

É nesse renovado diapasão que ingressam no conjunto das leituras teóricas nomes como o próprio Eugenio Coseriu (1921-202), José Gonçalo Herculano de Carvalho (1924-2001), Emilio Alarcos Lhorach (1922-1998) e Michael Halliday, este último pela leitura dos textos coserianos. Percebe-se claramente, nesses nomes funcionalistas que agora se juntam aos antigos filólogos e estruturalistas, uma tentativa, a nosso juízo exitosa, de congregar teses e modelos distintos no labor descritivo. Talvez esteja nesse fato a evidência mais marcante

---

<sup>7</sup> Esta, certamente, foi uma das causas do isolamento de Mattoso Câmara, ao lado de poucos seguidores, no seio da universidade brasileira.

de que o escopo de trabalho em Bechara está no objeto, não no método, fato que revela uma predominância do professor sobre o linguista. Ou talvez seja esse descompromisso com o dogmatismo um dos fatores que ainda insistem em ver na figura acadêmica de Evanildo Bechara um “gramático”, não um “linguista”.

Percebe-se, enfim, que o horizonte de retrospectão em Evanildo Bechara bem traça o perfil de um intelectual que tem o privilégio de uma vida acadêmica longa, em que a rica experiência dual e dialogal nos campos da ciência linguística e da arte gramatical geram uma visão peculiar sobre o que é a língua em seus vários planos de enfoque: o sistêmico, o normativo e o didático. Talvez não se possa perceber nesse inventário de saberes o plano discursivo, e não se duvide que é exatamente esse o ponto em que distingue a obra gramatical de Evanildo Bechara de outras que lhe sucedem neste limiar de século, tais como a *Gramática Houaiss da língua portuguesa* (2018 [2008]), de José Carlos de Azeredo, para aqui citarmos apenas um dos principais trabalhos de que hoje dispomos. Cabe, entretanto,, advertir que essa novel geração de gramáticas que o século XXI vem oferecendo ao leitor interessado estão inegavelmente presentes no horizonte de prospecção de Evanildo Bechara, bastando aqui observar, em comprovação, que praticamente todas incluem seu nome na lista nas referências bibliográficas. Mas este é assunto que merece outros comentários, em outro momento de reflexão sobre a contribuição deste grande nome da gramatização do português, a quem rendemos, aqui, com estas palavras finais, nosso preito de gratidão por ter feito tanto e tão bem em prol da ciência linguística em nosso País.

Ricardo Cavaliere

## Referências

- GÓMEZ ASENCIO, José J.; Montoro del Arco, Esteban T.; Swiggers, Pierre. Principios, tareas, métodos e instrumentos en historiografía lingüística. In: Calero, M.L. et alii (eds.). *Métodos y resultados actuales en Historiografía de la Lingüística*. Münster: Nodus Publikationen, vol. 1., 2014, p. 266-301.
- AUROUX, Sylvain. Histoire des sciences et entropie des systèmes scientifiques. Les horizons de retrospection. Schmitter, Peter (éd.). *Geschichte der Sprachtheorie 1: Zur Theorie und Methode der Geschichtsschreibung der Linguistik*, Tübingen: Gunter Narr, 1987, p. 20-42.



- AUROUX, Sylvain. Les modes d'historicisation. In: *Histoire Épistémologie Langage*, tome 28, fascicule 1, 2006, p. 105-116.
- AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. Ed. revista e ampliada. São Paulo: Publifolha, 2018 [2008].
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 1999.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa; cursos de 1.º e 2.º graus*. 33 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1989 [1961].
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Editora Vozes, 1970.
- CAVALIERE, Ricardo. Linguistas presbiterianos no Brasil. In: Barros, Diana Luz Pessoa de; Hilgert, José Gaston; Neves, Maria Helena de Moura; Batista, Ronaldo de Oliveira (orgs.). *Linguagens e saberes: estudos linguísticos*. São Paulo: Annablume Editora, 2015, p. 39-54.
- MACIEL, M de A. *Grammatica descriptiva*. 8 ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves; 1922[1894].
- MOTA, Otoniel de Campos. *Lições de portuguez*. 3 ed. melhorada. São Paulo: Weinsflog Irmãos, 1918 [1915].
- SPITZER, Leo. Linguistics and literary history. In: Lambropoulos, Vassilis. *Twentieth Century Literary Theory: an introductory anthology*. Albany: State University of New York Press, 1987.